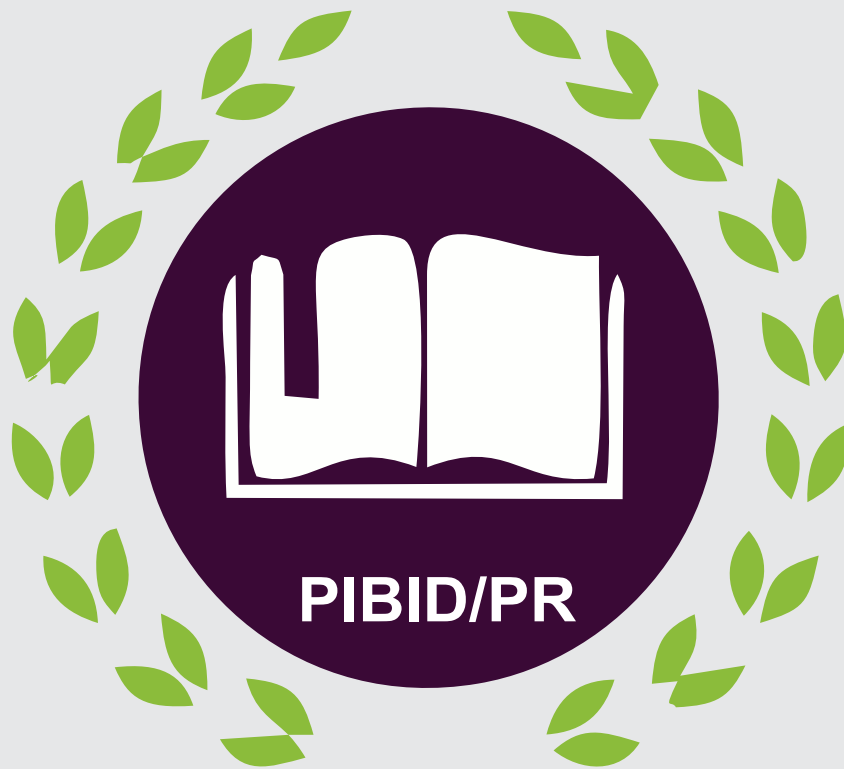


II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

O PIBID E A DEFINIÇÃO DE UM CAMPO TEÓRICO E METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Paloma Mariana Caetano¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultados parciais das reflexões desenvolvidas no grupo de Estudos do Projeto Pibid/História/Unioeste iniciado no ano de 2014. A partir das discussões feitas no grupo de estudos foi possível delinear a proposta de se desenvolver um ensino de História pautado por uma relação problematizadora do tempo presente e engajado socialmente com os grupos sociais subalternos. Paralelamente procuramos definir uma postura metodológica de ensino de História coerente com esta definição teórica. Assim, em síntese, o que pretendemos nesta comunicação é apresentar algumas considerações sobre a articulação entre o método dialógico e libertário de educação proposto por Paulo Freire e um ensino de História socialmente engajado.

Palavras-chaves: História. Ensino. Método Dialógico.

O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível de ação. (Paulo Freire)

No Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de História, de Marechal Cândido Rondon – PR, nós realizamos algumas reflexões no interior do grupo de estudos, que, resultaram nas questões propostas nesta comunicação. Assim, buscaremos apresentar aqui nossa leitura sobre o conceito de História e sua importância na vida social e como desenvolvê-la, de maneira coerente no âmbito da esfera escolar.

Considerando o fato de que não existe uma única definição para a ciência histórica, procuramos afirmar em nosso projeto qual é a concepção que orienta nossa prática. Nesta direção, inicialmente partimos da proposição feita por Bloch de que a História não é uma ciência do passado. Para este autor, a História é ciência dos homens no tempo. Esta ciência é sobretudo uma forma de conhecimento produzida no tempo presente:

Na verdade, conscientemente ou não, é sempre com as nossas experiências quotidianas que, para a diferenciar, ali onde deve ser, novas aparências, damos, em última análise, os elementos que nos servem para reconstruir o passado. (BLOCH, 1997, p. 101)

Isso evidencia que é o nosso presente que nos motiva a olhar o passado. São as questões impostas pelas demandas do dia a dia, presentes em nossas rotinas, que nos fazem

¹ Graduanda do 2º ano do Curso de História, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon-PR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela Capes, sob coordenação da Profª. Drª. Aparecida Darc de Souza. E-mail: palomacaetano07@hotmail.com

pensar: mas por que isso é assim? Será que sempre ocorreu desta forma? Onde isto se iniciou e de que maneira? Deste ponto de vista a ciência histórica é, antes de tudo, uma ciência indagadora e problematizadora. O conhecimento histórico resulta do esforço de questionamento no tempo presente. O de historiador é de observar o mundo, questioná-lo. É a partir destas questões que ele investiga o passado, pois como observou Febvre

Só é digno desse belo nome aquele que se lança totalmente na vida, com o sentimento de que ao mergulhar nela, ao penetrar-se de humanidade presente, decuplica as suas forças de investigação, os seus poderes de ressurreição do passado. De um passado que detém e que, em troca, lhe restitui o sentido secreto dos destinos humanos. (FEBVRE, 1989, p.50)

A história deixa de ser vinculada a uma ciência que se destina a estudar o que se passou, o que já está definido e acabado e permite que o presente de sentido e significado ao passado. Sobretudo, vale a pena ressaltar que é o presente que permite problematizar as contradições da realidade e que o passado ainda está em um processo de (re) descobertas e (re) formulações.

Para exemplificar o que estamos discutindo, que é por meio do presente que entendemos o passado, basta observarmos nosso comportamento perante o tempo. Desde crianças apreendemos que existe uma hora determinada para acordar, para almoçar, estudar, dormir. Ao frequentar o ambiente escolar, as horas servem para indicar o horário: das aulas, da entrada, do intervalo, da saída. Quando se começa a trabalhar existe a jornada de trabalho que se deve cumprir diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente, controlada por instrumentos como cartão ponto. Mas a relação do homem com o tempo nem sempre foi deste modo.

O tempo se tornou uma moeda de troca a partir de um processo histórico. Thompson, em “Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial” demonstra, citando o trabalho dos tecelões, de artesões e de pequenos camponeses, que suas funções eram inicialmente controladas pela necessidade da produção, e não pela imposição de quantas peças devem ser produzir por minuto, de quanto tempo um trabalhador leva em média para desenvolver uma tarefa.

O que desejo salientar, chamando a atenção para este aspecto, é que a alteração do sistema de manufatura para o industrial só faz sentido se entendermos como estas modificações influenciam na atual forma de trabalho, no jeito das pessoas pensarem, agirem, e, de controlarem o tempo. Do mesmo modo, que por ser desta forma, procuremos na transição dos séculos XIV para o XV vestígios para tal transformação.

Para além desta perspectiva compreensiva da relação entre presente e passado característico da investigação histórica, procuramos incorporar às nossas discussões as contribuições apresentadas por Chesneaux. Em seu estudo ele destacou o sentido instrumental do conhecimento histórico na definição das ações dos homens no tempo presente, pois:

Se o passado conta, é pelo que significa para nós. Ele é o produto de nossa memória coletiva, é o seu tecido fundamental. Quer se trate daquilo que se sofreu passivamente – Verdun, a crise de 1929, 1930, a ocupação nazista, Hiroshima – ou do que se viveu ativamente – a Frente Popular, a Resistência, Maio de 1968. Mas esse passado, próximo ou longínquo, tem sempre um sentido para nós. Ele nos ajuda a compreender melhor a sociedade na qual vivemos hoje, a saber o que defender e preservar, saber também o que mudar e destruir. A história tem uma relação ativa com o passado. O passado está presente em todas as esferas da vida social. O trabalho profissional dos historiadores especializados faz parte dessa relação coletiva e contraditória de nossa sociedade com seu passado. (CHESNEAUX, 1995, p. 22)

Esta relação entre presente e passado, como observou o próprio Chesneaux, não é neutra. A relação ativa e questionadora do historiador com o passado é, sobretudo uma relação histórica e socialmente construída. Ela é produzida no terreno da luta de classes e precisa ser compreendida a partir desta tensão. Por tudo isto, Chesneaux reafirma que a definição do sentido da produção do saber histórico é um ato político que pode contribuir para a manutenção ou subversão da realidade que rodeia o historiador.

1726

Todas estas reflexões se tornaram significativas para delimitarmos a concepção de História que orientará nossa prática dentro do projeto Pibid/História. A partir dela podemos pensar um ensino de História capaz de promover uma reflexão crítica sobre a sociedade em que vivemos, sobre nossa realidade. A História se torna mais do que uma disciplina, mais que a relação passado/presente é a forma de pensar criticamente as ações dos homens dentro de diferentes temporalidades.

Definida a concepção de História dentro da proposta do projeto buscamos, no grupo de estudos, definir um princípio metodológico que nos permitisse trazer esta perspectiva para o interior da prática de ensino. Nesse sentido, a metodologia de ensino dialógico propostas por Paulo Freire condiz com a noção de história que buscamos trabalhar no PIBID, uma vez, que permite a problematização e o enfrentamento das contradições do mundo real baseada em uma História do tempo presente, questionadora e engajada.

O método dialógico é uma peça fundamental da proposta que buscamos desenvolver no ensino de História dentro do projeto. Justamente porque trata-se de um diálogo emancipador, que busca reafirmar no educador e no educando, a sua condição de sujeito

cognitivo e social engajados com a perspectiva da mudança social. Afinal com destacou Paulo Freire:

[...] deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica *apenas* que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma *tática* que usamos para fazer dos alunos nossos *amigos*. Isso faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. Está claro este pensamento? Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. (FREIRE, 1987. 123)

Partindo desta perspectiva o diálogo no ensino de História representa o momento da problematização da realidade vivida. É o momento em que nos vemos instigados a entranhar o que é conhecido e lançar mão da reflexão e na pesquisa histórica para produzir uma nova leitura sobre a realidade vivida. Deste modo, criticar a realidade é fundamental para a produção do saber histórico que estamos propondo.

Mesmo ciente de que “*o processo didático na sala de aula não pode, por si só, refazer a sociedade*” (FREIRE, 1987, p.161), qual é o ambiente em que se pode ser debatido seriamente estas questões, com jovens e adolescentes, senão em um ambiente escolar? É por meio do estranhamento e do incômodo que podemos instigar os alunos a serem mais críticos diante do mundo em que estão inseridos. É por meio das contradições evidenciadas que esses sujeitos, podem refazer e transformar a realidade, numa ação não apenas do nível das ideias e conceitos, mas na prática de suas condutas.

1727

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Tradução de Maria Manuel, Rui Grácio e Vítor Romaneiro. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editora Presença, 1989.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado? – Sobre a história dos historiadores**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 17ª edição, 1987.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. OLIVEIRA, Miguel Darcy. **Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transforma-la.** CEI – Caderno n°20, Editora Tempo e Presença: Rio de Janeiro, 1978.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In.: **Costumes em comum.** Trad. Rosaura Eichenberg. Editora Schwarcz, São Paulo.